

LE CARREFOUR DE KOSSI EFOUI: UM PADÊ DRAMATÚRGICO ARRIADO NA ENCRUZILHADA

Daniel de Jesus dos Santos Costa (Universidade de Brasília)¹

RESUMO

Este artigo pretende analisar a obra teatral *Le Carrefour*, que foi traduzida para o português como *A Encruzilhada*, do togolês Kossi Efoui assentada em três pontos: o *odù*, que refere à trajetória de vida do dramaturgo Kossi Efoui; o *bàrá* que é a análise do *corpus* dramaturgical; e o despacho do *padê* presente no devir cênico realizado pelo Grupo *En classe et en Scène*, coordenado pela Professora Doutora Maria da Glória Guimarães dos Reis da Universidade de Brasília. O texto apresenta quatro personagens: o Ponto, a Mulher, o Poeta e o Cana, que estão numa encruzilhada, no espaço simbólico do encontro e dos confrontos entre os personagens da peça. Diante disso, os três pontos apresentados serão as bases epistemológicas para a compreensão do texto teatral, levando em consideração, a poética do drama e a riqueza das culturas afro-brasileiras.

PALAVRAS CHAVE: *A Encruzilhada*; Kossi Efoui; Dramaturgia; Cosmvisão afro-Brasileira.

ABSTRACT

This article aims to analyze the theatrical work *Le Carrefour*, which was translated into Portuguese as *A Encruzilhada*, by Togolese Kossi Efoui, based on three points: *odù*, which refers to the life trajectory of playwright Kossi Efoui; the *bàrá* which is the analysis of the dramaturgical corpus; and the order of the *padê* present in the scenic becoming carried out by the *En Classe et en Scène* Group, coordinated by Professor Maria da Glória Guimarães dos Reis from the University of Brasília. The text presents four characters: the Ponto, the Woman, the Poet and the Cana, who are at a crossroads, in the symbolic space of the encounter and confrontations between the characters in the play. Therefore, the three points presented will be the epistemological bases for understanding the theatrical text, taking into account the poetics of drama and the richness of Afro-Brazilian cultures.

¹Pós-graduando em Literatura pela Universidade de Brasília com orientação da Professora Doutora Maria da Glória Guimarães dos Reis. Email: danjscosta@gmail.com

KEY WORDS: A Encruzilhada; Kossi Efoui; Dramaturgy; Afro-Brazilian Cosmovation.

Para começar este artigo, começamos com uma saudação ao senhor dos caminhos para que percorre no desenho desta narrativa. É um grito de *Laroyê*²expandido na encruzilhada, pois o caminho assumido é cultivado e reverenciado como forma de celebração das possibilidades encontradas e das interpretações das tessituras poéticas da obra teatral *Le Carrefour* do escritor togolês Kossi Efoui.

Kossi Efoui é um escritor togolês que atualmente reside na França, e também, é considerado um dos grandes dramaturgos oriundos dos países da África Subsaariana. A obra escolhida do autor para análise do presente artigo é a peça *Le Carrefour* que foi escrita no final dos anos 80 e tornou-se um dos marcos da trajetória do escritor na Europa.

No Brasil, a peça *Le Carrefour* de Kossi Efoui foi traduzida para o português e encenada pelo Grupo *En Classe et en Scène* da Universidade de Brasília. Na tradução coletiva realizada pelo Grupo, a peça *Le Carrefour* passou a se chamar A Encruzilhada.

A encruzilhada é o local de partida para o caminho interpretativo desta peça de Kossi Efoui. Mas a pergunta é: qual é o caminho a seguir nesta encruzilhada? Como no espaço figurativo, a encruzilhada é um local onde todos os caminhos estão relacionados. E apostar num único caminho é uma tarefa desafiadora.

Mas a noção de encruzilhada proposta neste artigo é a “disponibilidade para novos rumos poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo” (RUFINO, 2019, p. 13)

E qual é o caminho que devemos ir adiante já que estamos numa encruzilhada poética de investigação da obra de Kossi Efoui? Nesta lógica não há caminho certo ou errado, mas há uma escolha possível de interpretação da obra.

² *Laroyê* é uma saudação ao orixá *Esú*.

Por conta disso, a escolha metodológica que emerge para o estudo deste artigo centra-se na figura do senhor dos caminhos da cultura afro-brasileira que é o orixá Esú. Penso que Esú é o encontro de uma abordagem sensível sobre os aspectos que ligam os povos de lá e os povos de cá separados pelo Oceano Atlântico.

Esú, Elegbara ou Bará é o nosso grande anfitrião. Ele quem abre as portas da escrita, pois suas noções de encruzilhadas apresentam-se como discursos provocativos que anseiam saídas possíveis de qualquer cruzamento teórico.

Para Rufino (2019)

Exu é o senhor de toda e qualquer forma de linguagem e comunicação, assim como também é o dono da encruzilhada. Além disso, Exu é quem vem primeiro e é sempre o primeiro a comer. Portanto, tratemos de dar de comer a Exu para que ele não nos engula. Já engolidos ou não, Exu nos tensiona para a reinvenção, nos cospe, nos restitui. Ele é movimento, é transformação. (RUFINO, 2019, p. 63)

É no território da encruzilhada que perpassa toda a trajetória dos personagens de Kossi Efoui. O espaço apontado pelo dramaturgo como o início da narrativa e o local em que se encontram todos os seus personagens. É a gênese do espetáculo, ou seja, é o que vem primeiro nas discussões da dramaturgia de Efoui.

Na peça A Encruzilhada, a fala inicial da A Mulher diz que é na “encruzilhada onde todas as estradas são armadilhas, onde não podemos ir além de sentar, levantar, dormir, gritar, chorar, morrer. Não podemos nem mesmo ir tão longe a ponto de fugir. E é isso.” (EFOUI, 2021, no prelo).

A encruzilhada de Kossi é um ato simbólico e fictício e a encruzilhada de Esú é um espaço mítico e sagrado, mas ambos são lugares de pausa para respiração com intuito de organizar as orientações dos caminhos.

Para a grande *Ialorixá* Mãe Stella de Oxóssi do Terreiro Opô Afonjá, a encruzilhada “é um lugar de pausa, um momento parado no tempo, que leva à mudança de um estágio a outro ou, simplesmente, de uma situação a outra” (SANTOS, 2010).

Nesta intersecção teórica do universo poético e criativo de Kossi Efoui com os elementos sagrados da cultura afro-brasileira centrados no orixá Esú apresentamos para esta análise, três categorias. Para Sodré, o número três permite “a possibilidade do

infinito diverso [...] Mas é também aquele que possibilita a linguagem, uma vez que cada som verbal aparece como um terceiro elemento, resultante da interação de dois elementos genitores - entidade transcendente e ser humano” (SODRÉ, 2019, p. 178).

Na cosmovisão da cultura afro-brasileira proposta por Sodré (2019), o número três carrega os elementos essenciais da produção da linguagem e do conhecimento previstos em Esú.

Portanto, apresentamos abaixo, os três pontos do artigo são orientativos e dialogam com uma perspectiva teórica relacionada com o universo da dramaturgia de Kossi Efoui com a cosmovisão da cultura afro-brasileira.

Odú - Caminho

O primeiro ponto é um culto ao *odú* que em português significa caminho. Como apresenta Agenor Miranda (1999), o *odú* é onde “se encontra o destino das pessoas e tudo o que existe” (1999, pg. 27). Diante disso, o entendimento que a trajetória realizada pelo escritor Kossi Efoui com seu trabalho poético e político perpassa pela construção de um sujeito togolês no país colonizador.

Efoui é considerado uma das grandes vozes da dramaturgia africana dos países de língua francesa, por causa do seu envolvimento com um universo literário povoado de incertezas e dúvidas, que interfere na sua realidade. Efoui tem usado o poder das palavras sobre as liberdades e deveres de ser escritor. Sua obra é atravessada pela questão do exílio, marcada por essa dolorosa escolha, trabalhada aqui e em outros lugares.

Como diz o escritor Jean-Marie Gustave Le Clézio (2020, n.p.), Efoui vê na arte uma possibilidade de alargar o campo de visão para assuntos cotidianos e escreve ao mesmo tempo para “estar do lado dos que o deploram”, mas também para expressar o seu “apetite pelo mundo”, acrescenta, “é um encantamento que queremos ouvir. É um exemplo magnífico do que se pode fazer misturando o poder oral do teatro com a força secreta e misteriosa da literatura escrita”³.

³ Texto original: *C'est une incantation, qu'on a envie d'entendre. C'est un magnifique exemple de ce que l'on peut faire en mélangeant la puissance orale du théâtre, et la force secrète et mystérieuse de la littérature écrite.*

Destarte, o caminhar de Kossi Efoui é um movimento engajado e de rupturas social e política, que se exige astúcia (*ruse*), de insubordinação, de revolta e de desobediência que ao lado dos dramaturgos africanos de língua francesa apresenta a escrita como “fator de alteridade na produção estética, negando o exotismo africano criado pelo Ocidente e permitindo uma produção instigante na contemporaneidade”. (CHALAYE, 2017, p. 240).

Bàrá - Corpus

A proposta teórica manifesta-se no *bàrá*, que significa corpo para a cultura afro-brasileira. Neste ponto, penso que o *bàrá* seja todo o corpo da obra esmiuçado na estrutura narrativa, nas didascálias, no estudo sobre as personagens e sobre o devir cênico que celebra o “texto de teatro em sua existência literária” (SARRAZAC, 2017, n.p.).

A peça A Encruzilhada de Kossi Efoui é cercada de mecanismos linguísticos que se aproximam da teoria do teatro épico de Bertolt Brecht (1978), principalmente, no que tange às relações em que os personagens se questionam seus próprios papéis na dramaturgia. Como diz o personagem o Ponto, em seu desfecho final.

Chega! Chega!... 20 anos já que isso dura, 20 anos que isso recomeça. Toda a noite na minha cabeça, o mesmo espetáculo, as mesmas imagens de atores que tomam emprestado uma máscara, um figurino, os sentimentos de uma personagem. Uma personagem.

Outra proposta teórica de análise da peça centra-se na perspectiva do dialogismo de Bakhtin, que oferece elementos interpretativos da fábula. O jogo dialógico entre os personagens se estabelece nas subjetividades, nas resistências, nos medos e nos desejos. Para o filósofo russo, “a vida é dialógica por natureza” e “viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 2000, pg. 413).

Os estudos do texto propostos pela teoria de Bakhtin entrelaçam as fronteiras transdisciplinares do texto dramático de Kossi Efoui, em que a riqueza da estética está no dialogismo, na resistência e na alteridade do outro. Os diálogos da peça são “ofegantes e se repetem incansavelmente, sem conseguirem ser vetores de histórias diferentes daquelas em que o próprio texto é refletido” (KONKOBO, 2011)

Portanto, as linhas deste segundo movimento são dedicadas à análise do texto dramático A Encruzilhada de Kossi Efoui enquanto “técnica (ou a poética) da arte

dramática, que procura estabelecer os princípios da construção da obra *que* pressupõe um conjunto de regras especificamente teatrais cujo conhecimento é indispensável para escrever uma peça e analisá-la corretamente” (PAVIS, 2005, p. 113).

Padê - Despacho

E por fim, no terceiro momento do artigo, é apresentado o *padê* dramaturgicamente da obra de Kossi Efoui. Para as pessoas de matriz africana, o *padê* é um dos principais rituais da religião, em que é invocado Esú para garantir o bem estar da cerimônia que irá acontecer.

Sobre o *padê*, Juana Elbein dos Santos afirma

o *padê* é uma cerimônia carregada de perigo em virtude do poder sobrenatural das entidades que serão invocadas e devido à sua finalidade que consiste em propulsionar e em manter as relações harmoniosas com essas entidades e em obter ou restabelecer por meio de oferendas apropriadas, seu favor e proteção (1998, p. 185 *apud* ELBEIN & SANTOS, 1971, p. 112)

Levando-se em consideração as relações linguísticas do nome e do seu significado com a possibilidade de criar interpretações sobre o ritual do *padê* das religiões de matriz africana sem qualquer menosprezo da importância deste ritual, penso o *padê* dramaturgicamente para a cena, cujo a exibição pública da peça *A Encruzilhada* de Kossi Efoui é o momento onde entrega-se às oferendas para a manutenção das relações harmônicas entre os atores e atrizes do Coletivo com o público que assiste o espetáculo.

Portanto, este ponto comunica com as apresentações do Coletivo de Teatro Na Classe e Em Cena sob coordenação da professora Dr^a. Maria da Glória Magalhães dos Reis da Universidade de Brasília que traduziu para o português e encenou pela primeira vez a peça *A Encruzilhada* de Efoui no Distrito Federal.

O processo criativo do Coletivo estabelece pela tradução do texto dramático, quando é a proposta, para depois encenar na Universidade. O Coletivo também se dedica ao conhecimento dos autores e das autoras dos países de língua francesa da África Subsaariana e das Antilhas, tais como: Koffi Kwahulé, Gustave Akakpo, Léonora Miano, Kossi Efoui entre outros.

Em suma, pretende-se com estes três capítulos estabelecer uma relação de saberes que se relacionam com a trajetória e a obra *A Encruzilhada* de Kossi Efoui e os saberes da cosmologia afro brasileira construídos neste artigo enquanto *odú*

(caminho/trajetória), *bàrá*(corpus dramaturgico) e o padê (a apresentação cênica do Coletivo), com intuito de estabelecer epistemologias de análise centrados na poética das encruzilhadas do orixá Esú. Por fim, os tópicos iniciam-se com um cântico de louvor a Iná, o fogo, um dos elementos característicos do orixá Esú.

“Iná, Iná, mojubá ê, Iná, mojubá! Iná, Iná, mojubá ê, agô mojubá. Laròyè, Esú!”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre Teatro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.
- CHALAYE, Sylvie. O quilombismo das dramaturgias afrocontemporâneas francófonas. In **Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 236-251, maio 2017
- EFOUI, Kossi. **Le Carrefour**. Tradução do Grupo de Pesquisa “Na Classe e em Cena” sob coordenação da Professora Doutora Maria da Glória Magalhães dos Reis, UnB, 2021, no prelo.
- KONKOBÓ, Christophe. Le Carrefour du théâtre et ses revenants. In **Le théâtre de Kossi Efoi: une poétique du marronnage - sous la direction de Sylvie Chalaye**. Africultures n° 86. France, L’Harmattan, 2011.
- MENDONÇA, Tatiana. Dono dos caminhos: como Exu, o mais humano dos orixás, foi associado ao diabo. In **Jornal A Tarde**. Publicado no dia 25 de março de 2019 e atualizado no dia 21 de janeiro de 2021.
<https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/2045283-dono-dos-caminhos-como-exu-o-mais-humano-dos-orixas-foi-associado-ao-diabo>
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005
- ROCHA, Agenor Miranda. **Caminhos de Odu**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1999
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte - Padê, Asese e o Culto Égun na Bahia**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. Na Encruzilhada da Vida. In **Jornal A Tarde**. Publicado no dia 31 de julho de 2010. Acessado no dia 02 de maio de 2021.
<http://mundoafro.atarde.uol.com.br/balaio-de-ideias-na-encruzilhada-da-vida/>

SARRAZAC, Jean - Pierre. **Poética do Drama Moderno**. 1º edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. 4º reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2019.